

Saias de crioula: a roupa como cultura material.

Aline Oliveira Temerloglou MONTEIRO;
mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da UFG
line_monteiro@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Rita ANDRADE;
FAV/UFG
ritaandrade@hotmail.com

Esse resumo expandido parte de informações e considerações advindas de minha pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento, que busca discutir o uso de tecidos estampados no oitocentos brasileiro, a partir da análise e percepções do estudo de duas saias de crioula pertencentes ao Museu do Traje e do Têxtil da Fundação Instituto Feminino da Bahia. Essa pesquisa se baseia em considerações propostas por alguns autores que trabalham com a cultura material e tem como base metodológica os passos de investigação e interpretação sugeridos pelo historiador Jules Prown (1982) que entende a cultura material como um meio de estudo e não apenas como seu objeto. Assim, exponho nesse texto alguns levantamentos sobre os passos de investigação sugeridos por Prown e também uma breve análise de como os estudos em cultura material podem se situar dentro de um programa em cultura visual.

Palavras-chave: tecidos estampados; saias de crioula; cultura material.

Porque cultura material?

Ao escolher a cultura material como forma de análise, considerei dois principais pontos. O primeiro foi a possibilidade de contato com as saias na reserva técnica do museu o que me possibilitou analisá-las de perto e não apenas através de imagens ou textos explicativos. A segunda razão foi os possíveis cruzamentos entre pensamentos da cultura material e da cultura visual, área do programa onde essa pesquisa está sendo desenvolvida.

Como apontei, o contato com as saias foi um fator decisivo na escolha da cultura material como forma de abordar esses objetos e construir minha

pesquisa. O traje de crioula, conjunto de peças cujas saias pertencem, é composto essencialmente de turbante, camisa, saia, pano da Costa¹ e adereços, e se formou por uma junção de influências ao longo dos séculos XVIII e XIX. O turbante, por exemplo, veio ao Brasil através de africanos cujas nações haviam sido anteriormente dominadas por povos islâmicos, o pano da Costa, xale que as mulheres negras usavam de diversas maneiras, era um dos elementos tipicamente africano, e a saia e camisa vieram de influência direta das portuguesas ou indiretamente tendo como mediação as senhoras brasileiras. (LODY, 2003).

Os conhecimentos que temos desse traje advêm principalmente das obras iconográficas, relatos e estudos sobre o assunto. As saias de crioula não saíam em publicações de moda, com informações sobre sua modelagem e costura, muito menos vinham nas estampas de roupas européias, pois essa indumentária além de fazer parte da vestimenta de uma classe inferior, pouca relação tinha com o sistema da moda vigente naquele período. As fontes iconográficas que temos acesso hoje das saias, ou do traje de crioula oitocentista como um todo, são na sua maioria aquelas feitas por viajantes que no Brasil estiveram durante o século XIX, e que representaram o que lhes parecia exótico. Outras fontes iconográficas constituem as fotografias da época, e as imagens de três dessas saias publicadas no catálogo do museu.²

Embora esse tipo de conjunto iconográfico seja muito importante na composição do estudo do objeto, a forma de abordagem muda de um para outro. Esta diferença entre estudar imagens e estudar objetos é apontada por Rita Andrade (2008) em sua tese, onde ela investiga a biografia de um vestido pertencente ao acervo têxtil do Museu Paulista. Andrade (2008, p.27) diz que:

Estudar objetos, como as roupas e os tecidos de que são feitas, exige certas habilidades que diferem do modo de análise de outros tipos de documentos, como os textuais e iconográficos. Analisar um vestido não é o mesmo que analisar sua fotografia, assim como não seria o mesmo que analisar a sua descrição.

Ter o objeto como dado primário, ou seja, fazer uma pesquisa que tem o objeto como fonte primeira de informações, possibilita ao pesquisador analisar alguns indícios que de outra maneira ele dificilmente faria. Salvo algumas exceções, imagens de roupas, sejam elas pinturas, gravuras ou fotografias, nos

apresentam principalmente forma e cor. Contudo, no contato com a materialidade das roupas, questões como modelagem, técnicas de costura, tecelagem e estamparia, fibras e fios podem ser melhor estudadas, além das especificidades que cada objeto pode apresentar. (ANDRADE, 2008).

Jules Prown (1982) organizou essa análise em três passos a fim de facilitar a investigação e evitar possíveis equívocos, contudo é preciso ressaltar que sua metodologia não é a única nos estudos em cultura material. Outros autores adotam passos próprios e ao invés de sugerirem como estudar artefatos, preferem dar exemplos de diferentes estudos realizados em cultura material. Em minha dissertação, escolhi usar os passos sugeridos por Prown (1982) por serem eles uma forma sistematizada de análise, que abre as possibilidades de entendimento do artefato.

A ordem dos passos, segundo ele, deve ser respeitada a fim de evitar a construção de falácias, e o primeiro deles é a descrição, seguido da dedução e especulação. De uma maneira simplificada a descrição do objeto é sua análise formal e material, a dedução é a ligação dessa descrição com os conhecimentos do pesquisador, tais como associações sensoriais e intelectuais; e a especulação é quando, através das descrições e deduções, o pesquisador irá elaborar hipóteses e partir para a investigação. No último passo, porém os estudos em cultura material passam a ser inter e multidisciplinares devido aos possíveis cruzamentos com as diversas áreas de conhecimento de acordo com as informações encontradas no objeto.

Ao longo dos estudos realizados no programa em que tenho desenvolvido essa pesquisa, pude perceber que além da vantagem de ter a possibilidade de análise do próprio objeto, há também algumas relações entre os pensamentos da cultura material e da cultura visual. Assim sendo, um desses paralelos é a própria forma de considerar o objeto em questão. Raimundo Martins (2007, p.26), professor do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, explica em um de seus textos que:

A cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura. (...) Ela solicita ser vista e manuseada como espaço para um conjunto de experiências múltiplas, complexas e, por vezes, contraditórias. Nesse espaço, as relações se

reconstroem a partir de circunstâncias, de informações e de posições de sujeito que configuram o olhar.

Diante de tal afirmação, duas comparações podem ser feitas com relação às idéias propostas pela cultura visual e material. A primeira delas é o entendimento do objeto não apenas por suas características físicas e estéticas, mas também por sua relação com a sociedade. Meneses (2003, p.28) reforça essa idéia defendendo que os documentos, sejam eles visuais ou materiais, não deveriam ser os objetos da pesquisa “mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade”. O segundo paralelo que pode ser traçado considerando a citação acima é a idéia de que a imagem ou objeto comunicam diferentes mensagens de acordo com aquele que os interpreta, o que nos leva a discussões sobre cultura e suas influências nos modos de ver³. Estas diferentes formas de olhar o objeto são apontadas por Prown (1982, p.10, tradução nossa) quando ele ressalta que:

[...] em razão da perspectiva cultural, é impossível responder e interpretar o objeto exatamente do mesmo jeito que a sociedade que o fabricou ou qualquer outra sociedade que ele pode ter sido exposto, reagiu a ele durante sua história e peregrinações.⁴

Além das diferentes perspectivas culturais apontadas por Prown, com relação à roupa, é preciso também considerar as transformações que essas vão adquirindo depois de sua fabricação. Andrade (2010) em uma comunicação apresentada na terceira edição do Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, discute alguns pontos sobre a inserção da roupa nos estudos culturais e ressalta os diversos estágios que a roupa pode passar desde sua compra até ser transformada em uma peça de museu. Assim a autora explica que a roupa é constantemente re-significada, evidenciando que os sentidos empregados aos objetos advêm de diferentes contextos, épocas e interpretadores.

Considerações Finais

A cultura material não é a única forma de estudo da roupa, mas seu uso permite leituras diversas e muitas delas só possíveis através de seus métodos e propostas. Sua materialidade nos indica, nos informa e revela caminhos para

se chegar a outras questões, compondo assim um estudo que busca preencher lacunas, reformular conhecimentos e colocar outros em questão. Assim dentro de um programa de pesquisa em cultura visual, essa dissertação tem buscado considerar propostas não apenas dessa área como também da antropologia, sociologia e história, compondo portanto, uma pesquisa interdisciplinar.

NOTAS

¹ O nome da Costa se referia aos artigos que vinham da costa d'África.

² PEIXOTO, Ana Lucia. (Org.). *Museu do Traje e do Têxtil*. Salvador: Fundação Instituto Feminino da Bahia. 2003

³ Martins (2007, p.36) concorda que a “experiência visual é contextual, ideológica e política” ressaltando adiante que teorias universalizantes, ou seja, aquelas que não consideram as várias experiências visuais, omitiram os pontos de vista das minorias.

⁴ “Because of cultural perspective, it is impossible to respond to and interpret the object in exactly the same way as did the fabricating society, or any other society that may have been exposed to and reacted to the object during its history and peregrinations.” (PROWN, 1982, p.10)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rita. **Boué Soeurs RG 7091**: a biografia cultural de um vestido. São Paulo, PUC/SP, 2008. (tese)

_____. Reflexões iniciais sobre a inserção da roupa no contexto dos estudos culturais. In: **Anais do III Seminário de Pesquisa em Cultura Visual**. Goiânia. 2010. (publicação digital).

LODY, Raul. **O que que a baiana tem**: pano-da-costa, roupa de baiana. Rio de Janeiro: FUNARTE, CNFCP, 2003. 39p.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda O. de. (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFMS, 2007. p. 19-40.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36. 2003.

PEIXOTO, Ana Lucia. (Org.). *Museu do Traje e do Têxtil*. Salvador: Fundação Instituto Feminino da Bahia. 2003

PROWN, Jules. *Mind in matter*: an introduction to material culture theory and method. Winterthur Portfolio. Chicago: The University of Chicago Press, v. 17, n. 1, 1982. p. 1-19.